

A ilha

CARLOS MENDES DE SOUSA

O meu testemunho sobre Eugénio de Andrade prende-se à memória de encontros regulares com o poeta, de conversas em torno da poesia, sobretudo na década de 80. É ao Luís Miguel Nava que essa memória começa por estar ligada, pois foi por intermédio dele que estabeleci o contacto com o autor de *As Mãos e os Frutos*. O Luís Miguel tinha-lhe falado de mim, um dia peguei no telefone e o encontro foi marcado para o final dessa mesma semana. Disse-me que fosse ter com ele ao Café Duque, às duas horas.

Saí de Coimbra – onde então morava – com os poemas na cabeça e um empolgação de que dificilmente conseguirei dar conta. Como falar do sortilégio que é a existência de certos poemas, em anos de descoberta? A revelação tem um efeito irrepetível: eu saía da adolescência, havia sido tocado por aquela poesia, e ainda não existia a maledicência dos salões.

Muitos encontros se seguiriam. E muitas vezes se repetiria o ritual desse primeiro dia: chegava ao café, a seguir ao almoço, e o Eugénio já lá estava à espera (recordo-me de pelo menos três cafés diferentes em S. Lázaro); mais raramente almoçávamos ali mesmo (o Eugénio que eu conheci é dos seres mais frugais que se possa imaginar na sua reguladíssima alimentação em que imperava a dieta do peixe cozido). Por vezes ia ter com ele a casa, mas o Eugénio gostava mesmo de que nos encontrássemos no café, antes de nos dirigirmos ao seu pequeno apartamento ali perto. Passara a manhã a trabalhar e esta saída era um lugar ritualizado nas suas rotinas. Percebi bastante mais tarde como o poeta incorporava no gesto rotineiro o voto de boas-vindas – o anfitrião era o senhor da ilha que vinha receber os visitantes acabados de chegar ao seu território.

Além disso, o espaço do café era-lhe propício a um certo sentido de espectáculo. Ele sabia-se o centro de uma atenção generalizada. Em alguns momentos falava bem alto quando queria dar mais ênfase a uma dada situação, apresentar uma afirmação mais contundente ou desferir uma palavra mais violenta: “brutal!” – como gostava de dizer. Como se comprazia ao repetir que a sua palavra era brutal! Tudo pode ser lido à luz do vasto campo da encenação de si mesmo: o gesto largo, a pose, a voz. Sagrando-se à poesia, desempenha o seu próprio papel, cultiva o aspecto daquilo que

é: poeta. Acompanhei-o de perto em sessões públicas em que o apresentei. Saía muitas vezes da mesa, onde estava entalado entre organizadores e apresentadores, e avançava em direcção à assistência, pisando verdadeiramente um palco.

Penso na ilha ao pensar em Eugénio de Andrade, uma ilha só dele: S. Lázaro, rua Duque de Palmela, o pequeno apartamento – a ilha. Fui visitá-lo algumas vezes à sua nova morada da Foz (no Passeio Alegre). Lembro-me de quando me mostrou a casa, lembro o seu contentamento, o brilho nos seus olhos de menino. Tinha acabado de se mudar, e é claro que ele adorava estar ali diante do mar entrecortado pelas palmeiras. Mas é da Rua Duque de Palmela que mais recordações guardo: os livros, os quadros e a escultura da sua máscara – um parcimonioso aconchego. Foi aqui que decorreu a grande parte das nossas conversas. No espírito ordenado do lugar estavam contidas as casas que miticamente celebrizou na sua poética: a casa do Adro, a casa da Eira. Quando fui à terra do Eugénio, percebi como ele havia transportado para o lar luminoso e lícido as casas da infância. Impressiona a coerência de uma poética vivida. Como na poesia, sempre ardia “o verão dentro da casa”, sempre na mesa pequena as coisas da terra, sempre a presença das estações: ramos de mimosas, frésias, cardos ou os dióspiros, os pêssegos, as maçãs.

Tantos amigos chegavam à ilha. Sei que tantos e tantos relatos podem, de diversas formas, reconstituir o retrato. Gosto de me lembrar de Eugénio como esse ilhéu que faz girar o mundo à sua volta, oferecendo o chá de bergamota ou o vinho doce que não bebia. Depois iria trabalhar. Fechava-se a hora dos encontros. Voltaria para o obstinado trabalho dos seus versos.

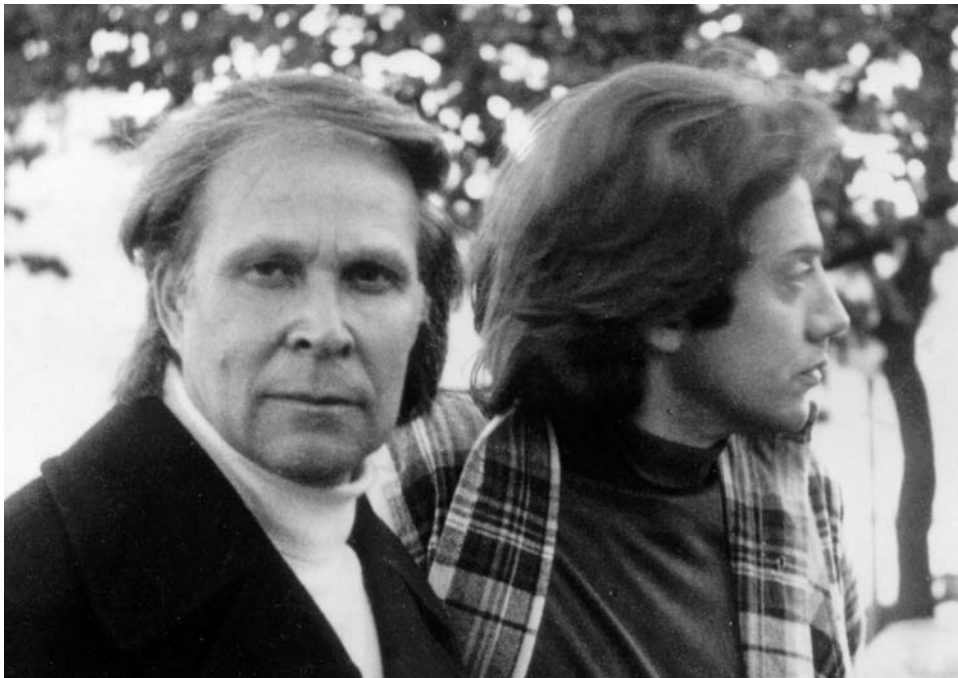
Alguns anos depois do meu primeiro encontro com Eugénio de Andrade, fui viver para uma praia que era uma pequena ilha; praia enxameada no verão, língua deserta no Inverno. Eu vivi o deserto da ilha. Foi o esplendor do fim de Setembro que me levou àquele lugar, quando este começava a ser só silêncio e “luz rasteira”. O desejo dessa luz do sul era, nesse meu tempo, indissociável dos poemas de Eugénio de Andrade: “Litania”, “Nas ervas”, “Desde o chão”... Vivi ali os dias mais amplos da minha vida. Para esses meus dias encontro hoje uma inscrição – todos eles se contêm nestes versos celebrativos: “– como podíamos morrer, / tão próximos / e nus e inocentes?” Penso em tais dias e como neles a poesia existia para a vida.

Clarice Lispector contava que recebera de Guimarães Rosa um dos elogios mais bonitos de sempre, quando este um dia lhe recitou alguns fragmentos que ela achou vagamente conhecidos. Perguntou-lhe o que era, ao que o autor do *Grande Sertão* retorquiu que eram trechos da própria Clarice. Diante do espanto da amiga, Guimarães Rosa disse-lhe que a lia para a vida e não para a literatura.

Eu lia Eugénio de Andrade para a vida (sabe-se que assim é para tantos leitores). Como faziam sentido os lugares comuns tão justos sobre o poeta do

corpo, sobre a exaltação de uma sensualidade aberta, luminosa: a ligação ao mundo equivalendo à instauração da ordem do desejo (um tempo ardente numa terra ardente). Um dia o Jorge Sousa Braga escreveu-me a dizer que o Eugénio tinha feito um poema sobre a “minha” ilha, reinventando o meu relato sobre a ilha. As águas tinham invadido a casa de madeira e vi-me obrigado a sair. Li depois o poema num dos seus livros.

Nesse tempo, eu tinha uma incumbência que era escrever um trabalho académico sobre a obra de Eugénio de Andrade. Afinal uma coisa era a poesia e o amor à poe-



Com o actor João Perry em 1973

sia e outra acabou por ser para mim a insatisfação resultante de uma tarefa esquartejadora. Nesse trabalho falei de uma das obsessões maiores da obra: a metáfora materna (hoje teria sido esse o título). Dois ou três magros artigos sobre o poeta, escritos posteriormente, viriam afinal a satisfazer-me muito mais. Falei em Clarice Lispector. Sinto alguma pena de não ter feito para a obra de Eugénio um estudo semelhante

àquele que dediquei à escritora brasileira, após demorados anos de aprofundamento. Em algumas ocasiões senti da parte de Eugénio uma espécie de vago ciúme quando me ia perguntando se eu ainda continuava a estudar “a brasileira”! Mas também o Eugénio se interessou pela “brasileira”. Pediu-me que lhe levasse alguns livros dela (e mais tarde iria escrever-me palavras de grande simpatia a agradecer o envio das *Figuras da Escrita*).

A memória das minhas conversas com o poeta traz sempre ao de cima o seu impressionante *conhecimento de poesia*. Convoco o título de Nemésio para evocar as muito certas palavras (tantas vezes citadas) num dos mais célebres ensaios sobre Eugénio de Andrade que foi incluído no volume com esse título. Nemésio fala em avidez de poesia. Diz aí que o poeta “estuda, em suma, poesia”. O insaciável desejo de conhecimento leva-o a viver na literatura e a procurar nela respostas para a avidez de mundo e para a afirmação do seu próprio caminho. Pede que lhe façam chegar os livros à ilha. A muitos dos visitantes dirige o pedido.

Na sua extrema simplicidade, a poesia eugeniana revela-se uma requintada arte de referências subtilmente incorporadas. Óscar Lopes, leitor inigualável da sua poesia e amigo de Eugénio, chamou-me a atenção (aquando da defesa do trabalho acima referido, na Faculdade de Letras de Coimbra, em 1988) para o profundo conhecimento teórico do poeta, isto a propósito de conceitos do âmbito da psicanálise (sobre narcisismo primário e narcisismo secundário). No aéreo tecido dos poemas, citando João Cabral, quantos cruzamentos, quantas teias finamente se entretecem! O poema se elevando por si: luz, esplendor.

Algumas vezes as conversas giravam em torno do quotidiano político, algumas vezes eram sobre o tempo de Coimbra ou sobre o tempo de Lisboa, muitas vezes sobre música, menos vezes sobre a pintura de que estava rodeado. Mas as suas observações, as suas reflexões em regra acabavam por ir ter à literatura e, inevitavelmente, à poesia. E o Eugénio sempre tão atento a tudo o que ia sendo publicado, em concreto à poesia dos mais jovens... Começar pela poesia ou acabar na poesia, nunca impediu que nestas conversas se revelasse o leitor omnívoro de variadíssimos géneros e, em particular, o devorador de ficção. Nas entrevistas foi falando dos seus autores; eu lembro-me de o ouvir falar de alguns desses nomes e de outros que ia lendo. Retenho a forma apaixonada com que me falou das leituras acabadas de fazer: um romance de Vergílio Ferreira, integralmente lido numa noite, ou a leitura com igual velocidade de um romance francês, aconselhado por Agustina, ou o *Concerto Barroco* de Alejo Carpentier, recomendado por outro amigo...

Na casa que recebeu o seu nome, no Passeio Alegre, continuaria a abrir as portas, incrementando encontros, agora apoiado pela estrutura da Fundação que pro-

grama as sessões. Eugénio entra por uma porta tapada por um cortinado: uma espécie de palco de um pequenino teatro. Levanta-se o pano, abre-se a sessão. Como um príncipe de uma pequena corte, frequentada por gentes das letras e das artes, ouve com atenção, no seu camarote dourado. Eu assisti a alguns desses encontros, entre a assistência plebeia que ali afluía. Vi como ele esteve atento à “aula” de António Carlos Secchin sobre João Cabral, um poeta amado. Abertamente dizia: “um dos maiores da língua”. No início da década de 90, passei um largo período no Brasil. O pedido que me fez, nessa ocasião, foi que lhe trouxesse o último livro de João Cabral.

Entre os interesses de leitura de Eugénio de Andrade conta-se a literatura biográfica e autobiográfica. Ele próprio confessa a predilecção pelas biografias, pelos livros de memórias, pelas cartas e diários. Compreende-se que assim seja. Um dia fui encontrá-lo com uma biografia de Leonard Bernstein nas mãos: falou-me pormenorizada e com grande entusiasmo. Pediu-me, noutra ocasião, que lhe trouxesse de Barcelona as *Memórias de um nómada* de Paul Bowles. Tentar ir ao mais fundo e tirar as máscaras, busca que incessantemente persegue. O rosto tantas vezes se lhe ilumina desarmado, como tantas vezes se lhe cola uma carranca (assim o vemos em muitas sessões de leitura de poesia). Durante uma viagem até Braga, relatou-me deslumbrado um programa de televisão sobre Vanessa Redgrave, que vira na véspera, e do que mais o terá impressionado: uma actuação frente ao espelho das falas de *António e Cleópatra* de Shakespeare. Foi reler de seguida o texto do dramaturgo. Onde o rosto verdadeiro?

Nas suas poéticas insiste repetidamente no desejo de chegar à plenitude do ser. O acto poético é uma “luta corpo a corpo em que o ser se joga inteiro”. Esse desejo de plenitude, apresentado como lema, revela uma preocupação ética fundamental. Num tempo insuportavelmente marcado pela ignomínia, a exaltação da beleza, o amor às coisas da natureza valem muitas vezes a voz (a letra) do manifesto. Eugénio ama os animais e as árvores. Não se pense que a sua ilha se encontra afastada do mundo (“a minha pátria não é um jardim fechado”). Na obra, contrariamente ao que muitos quiseram apressadamente classificar de esteticismo vão, de poética dessorada, pode ler-se o espaço da intervenção, pulsão de vida. Bate-se por uma terra limpa, onde se sinta vibrar o coração vivo da natureza. Chegou mesmo a compilar poemas seus sobre plantas e animais numa Antologia essencial dedicada “à memória de Chico Mendes assassinado na defesa da floresta amazónica” (*Com o sol em cada sílaba*, 1991). As entrevistas complementam frontalmente a denúncia da intervenção exemplar que na obra se faz ouvir.

Deixaram há muito de se gizar jardins... Cada vez mais os políticos sonham cidades dedicadas aos carros, avenidas transformadas em vias rápidas, rodovias,

árvores de betão... Num texto admirável sobre esse lugar onde viveu, a sua ilha – S. Lázaro, fala-nos da tristeza sentida ao ver cortado um lódão:

Se falei de árvores com acidez e melancolia é porque me derrubaram uma das que mais amei na vida, o velho lódão que me entrava pela varanda e dava notícia das estações. O móbil foi, naturalmente, atravancar a rua com mais automóveis – as oficinas de reparações prosperavam, e na vizinhança não faltavam. Levei anos e anos a lamentar-me, até que, não há muito ainda, numa cerimónia em que surpreendentemente, me fizeram cidadão honorário do Porto, disse ao Presidente da Câmara que preferia uma árvore à porta do que a medalha de ouro da cidade, com que me distinguiu e honrava toda a vereação. Ele prometeu-me outro lódão e cumpriu a promessa, deus seja louvado. Agora a casa onde moro é fácil de descobrir: tem em frente um troncozito despido que lembra um poema meu, exíguo e desamparado.

Do Porto disse algures que é a sua ilha do Corvo. Também disse que vive “nela como se nela não vivesse”, para reafirmar a sua pertença ao chão do sul. E teima em erguer a cidade ideal e transparente. Como se não visse as árvores erguendo-se no nevoeiro. “O Porto é só a pequena praça onde aprendo a ser árvore”. Mas as gaiotas (de uma reminiscência lisboeta) que gritam num dos poemas do seu último livro, *Os Sulcos da sede*, não são as gaiotas da memória de Lisboa, são as próprias gaiotas da ilha de tantos anos, as gaiotas que rodam à volta da sua cabeça e o coroam poeta, senhor da ilha...

Eugénio de Andrade gosta de presentear os amigos. Oferece com frequência exemplares mais raros, reedições dos seus livros, traduções... Numa prática de reciclagem, muito antes das campanhas tão necessárias num país pouco educado nestas matérias, já nesse início da década de 80, Eugénio tinha o hábito de ecologicamente colocar os presentes em envelopes que lhe haviam sido endereçados. Houve um envelope que não embrulhou nenhum presente. Chegara-lhe pela mão do carteiro como se ele vivesse nos “Montes Desertos”. Só que a sua ilha era afinal muito maior. O sorriso iluminou-se-lhe quando me mostrou o sobrescrito. Lia-se no lugar do destinatário:

Eugénio de Andrade
Porto

Há quem o não leia para simplesmente apontar dulcificações. Compreende-se que se não goste de uma dada poesia. No entanto, grande parte das vezes, o que sobrevém

é a enviesada desleitura. Também se percebem algumas irritações provocadas por um culto, como o que lhe foi prestado pela cidade de acolhimento, que aos olhos invejosos parecerá excessivo. Mas quem conhece o Eugénio sabe como nele a poesia é sinónimo de verdade.

Se presenciei incontáveis manifestações de apreço de que foi alvo, também o pude ver amarfanhado, ferido de morte por causa de uma frase numa recensão. Ao falar do meio literário, numa conversa mais amarga, perguntou-me se sabia qual a última palavra de *Os Lusíadas*. Pediu-me depois para que eu fosse à estante confirmar no exemplar dele a palavra sublinhada.

O efeito produzido em quem o ouve, o magnetismo, a força encantatória vem-lhe da paixão com que vive na poesia, vem-lhe do facto de ter encarado desde sempre a poesia como um destino absoluto. Pelo infinito abandono à linguagem, faz a entrada no mundo: intensidade e equilíbrio reflectem-se no desejo totalizador de concentrar o mundo no verso. Sagrou-se à poesia como uma espécie de monge que encara o chamamento como a via da redenção:

Parece-me que tudo o que fiz, tudo quanto longamente acariciei com o olhar, foi só para escrever um verso. Tenho a impressão de que sacrifiquei tudo – escola, profissão, até mesmo as pessoas – à poesia. E continuo. Se fosse católico diria que era levado a escrever para salvar a alma.

Um asceta que fala do corpo, da sensualidade. Afabilidade e rudeza, ascetismo e hedonismo nele coabitam sem qualquer espécie de tensão.

O encanto desta poesia capaz de suscitar uma emoção tão viva provém em grande medida dessa extraordinária harmonia (da vibração do ritmo, da “pulsção das sílabas”) encontrada no corpo do poema. Torna real o símile da corporalidade, tornando a língua mais maleável. Ele que sempre reivindica a tradição, os nomes da língua, entrevedo-se como um elo numa cadeia honrosa de poetas. Por causa dessa ductilidade é tão importante para si a leitura dos poemas em voz alta. Antes da publicação gosta de os ler aos amigos, gosta de os comentar. Saboreia a língua, numa atenção acesa aos mínimos balbucios. Nalgumas das sessões públicas em que o acompanhei, pude observar como conhecendo tão bem os textos, tantas vezes ditos, os treinava exaustivamente. As páginas são marcadas com sinais, como uma partitura: por cima das sílabas, a lápis, negros e minúsculos traços. Obsessivamente estuda a respiração do poema e na página pontua as paragens. Há uma dicção eugéniana que ele quer transmitir e que tem seguramente a ver com o facto dessa leitura procurar trazer ao de cima o corpo que no poema se entrega.

Este Setembro estive numa ilha grega. Eu e o Frederico Lourenço vivemos a ilha com o olhar de Sophia de Mello Breyner Andresen, lendo continuamente poemas de

Geografia e de *Dual*. Sophia conseguia o milagre de nos levar até ao real “mais preciso e mais novo do que o imaginado”. Mas também foi na ilha do Egeu que percebi como nunca que o Eugénio de Andrade é um poeta grego. Pensei no depoimento que sobre ele queria fazer. Não era quando me dirigia para o mar, mas quando caminhava para o interior da ilha que a paisagem seca, rala, me devolvia a poesia essencial de Eugénio. A metáfora devindo realidade. Os versos ecoavam-me nos caminhos da ilha:

Cardo pedra romã.

–

Muros baixos de pedra solta.

–

[...] *a matinal / restolhada dos pardais, / o brusco branco do muro, // a luz onde as cigarras ao arder /desafiam os cardos [...].*

–

A terra é magra. /Um sol de palha cobre a ilha /– e tudo é ilha à nossa roda [...].

Eugénio é grego porque fez do poema a mais solar das moradas. A beleza é um céu muito branco (o “azul limpo do linho, o azul branco” da paisagem da infância) reencontrado numa Grécia ideal, intensamente vivida como lugar de luz. Obstinadamente procura no poema essa arcádia pura em que beleza e verdade coincidem numa palavra. E mesmo quando a sombra insidiosa se intromete, a palavra aclara a noite mais escura. Não existe melhor tradução para essa morada do que aquela que ele mesmo encontrou num dos fragmentos de Safo. Como se fosse sua divisa:

Amo o esplendor. Para mim o desejo

é um sol magnificente e a beleza

coube-me em herança.

Por isso vive a querer “transformar o mais vulgar dos dias numa substância feliz e sem mácula”. As palavras dançam à sua volta e ele sonha o mundo perfeito.